

# QUEM PAGA COM CHEQUE ESTÁ SEMPRE BEM DOCUMENTADO: O BANCO DO SUL DE MINAS NOS ANOS DA GRANDE DEPRESSÃO

*Rafaela Carvalho Pinheiro<sup>1</sup>*

Doutoranda do PPG em História Econômica (FFLCH-USP)

rafaelarscarvalho@usp.br

*Luciana Suarez Lopes<sup>2</sup>*

Docente no PPG em História Econômica e no Departamento de Economia (USP)

## Resumo

O Banco do Sul de Minas foi uma sociedade anônima que existiu no Sul de Minas Gerais por apenas cinco anos (1932-1937). Apesar de iniciar suas operações com um capital maior que o do seu antecessor e de comprar dois outros bancos, o Banco do Sul de Minas abriu falência por falta de liquidez. Assim, este artigo pretende apresentar essa instituição financeira, sob a luz de uma proposta de pesquisa que perpassa pela análise das causas da falência do Banco a partir do crédito e do financiamento na região sul-mineira da década de 1930.

**Palavras-chave:** Sul de Minas, banco, crédito, Varginha, falência

**Who pays with check is always well documented: the Banco do Sul de Minas in the Great Depression years.**

## Abstract

Banco do Sul de Minas was a joint stock company that existed in the South of Minas Gerais for only five years (1932-1937). Despite opening its operations with more capital than its predecessor and buying two other banks, Banco do Sul de Minas opened bankruptcy for lack of liquidity. Thus, this article intends to present this financial institution, in the light of a research proposal that runs through the analysis of the Bank's causes of bankruptcy from credit and financing in the southern region of the 1930s.

**Key works:** Sul de Minas, bank, credit, Varginha, bankruptcy

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Os resultados ora apresentados fazem parte de uma pesquisa ainda em andamento, desenvolvida no âmbito do HERMES & CLIO – Grupo de Estudos e Pesquisa em História Econômica da FEA/USP e do Programa de Pós-Graduação em História Econômica da FFLCH/USP.

<sup>2</sup> Professora Doutora do Departamento de Economia da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo e do Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Membro do HERMES & CLIO – Grupo de Estudos e Pesquisa em História Econômica e do NEHD – Núcleo de Estudos em História Demográfica.



## **Quem Paga Com Cheque Está Sempre Bem Documentado: O Banco Do Sul De Minas Nos Anos Da Grande Depressão – Rafaela Carvalho Pinheiro e Luciana Suarez Lopes**

### **Introdução**

O intuito inicial da nossa pesquisa era estudar a formação do mercado de trabalho no Sul de Minas Gerais a partir da relação entre o café, as indústrias e os bancos daquela região, tomando por base as primeiras décadas do século XX. Interessava-nos, de maneira mais geral, compreender o mercado, configurado como um ambiente próprio para comércio de determinadas mercadorias, analisando os elementos de interação entre os grupos que ofereciam e os que demandavam mercadorias, considerando a realidade social, política e econômica onde estavam inseridos. O mercado de trabalho, então, formava-se a partir da relação entre os agentes que ofertavam trabalho e aqueles que a procuravam, em determinado espaço e tempo, dado o desenvolvimento das forças produtivas.

Nesse sentido, compreender a organização do trabalho pareceu-nos essencial para compreender o próprio movimento da organização social, uma vez que o trabalho cumpre o papel decisivo no desenvolvimento de determinado local em determinada época. No entanto, a análise do início do capitalismo no Brasil foge do modelo europeu estudado por Marx. Embora também tenha se preocupado em separar os trabalhadores dos meios produtivos, aqui a transição capitalista se deu de forma muito particular, uma vez que o Brasil é marcado pela disparidade de suas regiões, disparidades essas que fomentaram processos distintos de transição com desenvolvimento capitalista em diferentes níveis.

O modelo mais analisado no Brasil foi o ocorrido em São Paulo. Porém, a transição paulista é antes uma exceção do que a regra, de maneira que consistiu na transição para o capitalismo mais dinâmica e bem-sucedida que o país conheceu. Ainda assim, vários teóricos insistem em analisar o modelo paulista como sendo o brasileiro, desde a transição da mão de obra à efetivação do capital dito financeiro. Dessa maneira, pretendíamos analisar o contexto da transição numa região brasileira menos desenvolvida que a de São Paulo.

Assim, nosso recorte remontava à região localizada mais ao Sul de Minas Gerais nas primeiras décadas do século XX (1900 a 1930). O Sul de Minas, desde o século XIX se configura como uma das principais regiões mineiras<sup>3</sup>. Caracterizada ao longo do século

---

<sup>3</sup> Minas caracterizava-se pela heterogeneidade de suas sub-regiões, tanto em formação quanto em desenvolvimento e desempenho econômico, fazendo jus à máxima de Guimarães Rosa: “Minas são muitas. Porém, poucos são aqueles que conhecem as mil faces das Gerais”. O brasilianista John Wirth classificou



**Quem Paga Com Cheque Está Sempre Bem Documentado: O Banco Do Sul De Minas Nos Anos Da Grande Depressão – Rafaela Carvalho Pinheiro e Luciana Suarez Lopes**

XIX pela dinâmica de sua produção para abastecimento, a região estava entre as primeiras localidades tanto em número de comércio quanto de atividade açucareira e em seguida na produção café, o que conferiu poder político à elite da região.

Claro estava que o fim do século XIX suscitou uma revisão não apenas da qualidade do trabalho, mas – talvez em decorrência disso – da própria organização da sociedade, com vistas a um desenvolvimento mais voltado ao modelo capitalista que já se avultava na Europa. Diante desse fato, estava dada a largada para a modernização das cidades, no que tange tanto à infraestrutura (transportes, eletricidade e grandes construções), como da própria concepção de sociedade, revisando o caráter do trabalho e consequentemente dos trabalhadores, bem como da concepção de progresso que se pretendia para o Brasil.

Na transição para o século XX o Brasil estava em transformação, e no Sul de Minas não era diferente. De fato, a estrutura social que imperou no século XIX estava se alterando, e com ela o modo de organização dos municípios sul-mineiros. A localidade expandiu seus centros urbanos, conseguindo ainda modernizar algumas cidades. Ao passo dessa modernização, outra mudança seria fundamental para a região: agora as atividades econômicas não são pautadas apenas pelo comércio de abastecimento, mas também pelo café, que iniciava uma importante fase da economia sul-mineira.

Desde 1870, o café passou a ser cultivado com maior vulto no Sul de Minas, ainda que em quantidade bem menor que na Zona da Mata mineira e subjugada pela economia de subsistência. Nas primeiras décadas do século XX, no entanto, o café passa à primeira ordem, ganhando espaço frente à atividade de abastecimento, se configurando não apenas como o principal item de produção, mas também como produto de exportação destinado aos mercados internacionais.

Frente às dificuldades de transporte da produção cafeeira em larga escala por meio das tropas, as estradas de ferro cumpriram importante papel no desenvolvimento da economia pautada pelo café. Ademais, as ferrovias garantiam a dinamização do comércio, de modo a evitar perdas e reduzir o tempo gasto no transporte. A estrada de ferro consistia em grande símbolo de transformação econômica e social, relacionada a um vultoso

---

as Minas Gerais do início do século XX como um mosaico de regiões, cujas sub-regiões seriam Norte, Leste, Mata, Sul, Centro, Triângulo e Oeste. As sub-regiões mais desenvolvidas – Zona da Mata, Triângulo e Sul – se ligavam historicamente às regiões mais desenvolvidas de São Paulo e do Rio de Janeiro. Cf. WIRTH, John. **O Fiel da Balança**. Minas Gerais na Federação Brasileira, 1889 – 1937. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.



## **Quem Paga Com Cheque Está Sempre Bem Documentado: O Banco Do Sul De Minas Nos Anos Da Grande Depressão – Rafaela Carvalho Pinheiro e Luciana Suarez Lopes**

processo de modernização. A implantação das ferrovias podia depender não só do transporte do café, mas de influências políticas, de integração regional ou de transporte de pessoas.

Nesse sentido, a partir de 1874, com a inauguração da Estrada de Ferro Minas e Rio, e em seguida com a Viação Férrea Sapucaí, Estrada de Ferro Muzambinho e Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, as cidades sul-mineiras foram interligadas pelas malhas ferroviárias para garantir o escoamento do produto principalmente para o porto de Santos em São Paulo e o porto do Rio de Janeiro<sup>4</sup>. Assim, o Sul de Minas, em fins dos oitocentos, registrava maior crescimento das linhas férreas de Minas Gerais, o que demonstra certa importância da região no cenário geral de Minas e do Sudeste do Brasil<sup>5</sup>, embora, por outro lado, as ferrovias dependessem das companhias ferroviárias de outros estados<sup>6</sup>.

Os bancos, desenvolvidos tardiamente em Minas Gerais, conheceram um processo de expansão apenas após a abolição da escravidão. No Sul de Minas, a expansão bancária acompanhou a expansão industrial<sup>7</sup>, embora se tratasse de instituições pequenas e com capital limitado, voltados essencialmente para demanda local. A partir de 1910, no entanto, a região conheceria um novo ritmo na expansão bancária ao passo que a economia agroexportadora cedia espaço para uma economia capitalista<sup>8</sup>.

A partir desse contexto, a análise do mercado de trabalho no Sul de Minas passava fundamentalmente pela compreensão, de maneira mais particular, de três faces essenciais do desenvolvimento da região, a saber o café, as indústrias e os bancos. Para tanto, baseamos nossa pesquisa nas décadas iniciais do século XX, por se tratar de um período de grandes transformações econômicas, políticas e sociais não apenas para a região Sul

---

<sup>4</sup> SAES, A. M.; COSENTINO, D. V.; SILVA, M. P.; GAMBI, T. F. R. **Sul de Minas em transição: ferrovias, bancos e indústrias na constituição do capitalismo na passagem do século XIX para o século XX.** In: XIV Seminário Sobre a Economia Mineira, 2010, Diamantina - MG. Anais do XIV Seminário Sobre a Economia Mineira, 2010.

<sup>5</sup> SILVA, M. P. **Tem café nesse trem?** As ferrovias no Sul de Minas Gerais (1874-1910). In: Alexandre Macchione Saes; Marcos Lobato Martins. (Org.). **Sul de Minas em transição. A formação do capitalismo na passagem para o século 20.** Bauru: EDUSC, 2012.

<sup>6</sup> SAES Alexandre Macchione; MARTINS, Marcos Lobato. (Org.). **Sul de Minas em transição. A formação do capitalismo na passagem para o século 20.** Bauru: EDUSC, 2012.

<sup>7</sup> GAMBI, Thiago Fontelas Rosado. **A expansão bancária no Sul de Minas em transição.** In: Alexandre Macchione Saes; Marcos Lobato Martins. (Org.). **Sul de Minas em transição. A formação do capitalismo na passagem para o século 20.** Bauru: EDUSC, 2012, p. 313. Em 1914, o Almanak Laemmert destaca que a região possuía fábricas de laticínios, tecidos e fiação, macarrão, sabão, cervejaria, vinhos, velas, chapéus, tijolos, etc., além dos engenhos de cana e café.

<sup>8</sup> COSTA, Fernando Nogueira da. **Bancos em Minas Gerais (1889-1964).** Dissertação de Mestrado – Unicamp. Campinas, 2004.



## **Quem Paga Com Cheque Está Sempre Bem Documentado: O Banco Do Sul De Minas Nos Anos Da Grande Depressão – Rafaela Carvalho Pinheiro e Luciana Suarez Lopes**

de Minas Gerais como para todo o Brasil. Assim, a década de 1900 refletia uma fase de reorganização da estrutura política baseada na república, bem como a adequação principalmente do campo ao trabalho livre. As décadas de 1910 e 1920 representavam o desenvolvimento local a partir da urbanização, dos transportes, a ascensão da economia cafeeira, a instalação de novas indústrias e a chegada de bancos.

Dessa maneira, há três aspectos centrais que justificavam a pesquisa. O primeiro se referia ao recorte espacial proposto, dado que o Sul de Minas se configurava como grande concentrador de escravos até as vésperas da abolição, de modo que a organização do mercado livre nessa região se deu num importante período de reorganização não apenas social, mas também política e econômica. O segundo dizia respeito ao mercado de trabalho livre, compreendendo o panorama econômico no qual se formou, em relação ao café, às indústrias e aos bancos. O terceiro se devia à carência de estudos do tema para a região.

A respeito da metodologia, o trabalho empírico pretendia basear-se em fontes primárias, manuscritas e impressas. As fontes a serem pesquisadas abarcavam os processos-crime<sup>9</sup> bem como os processos trabalhistas<sup>10</sup> das localidades estudadas, e jornais<sup>11</sup> editados no período proposto, tendo como fontes secundárias as Atas das Câmaras Municipais<sup>12</sup>.

Contudo, durante o levantamento das fontes primárias presentes no APMV, encontramos toda uma documentação referente à falência do Banco do Sul de Minas. Uma vez que a análise dos bancos era um dos aspectos que a pesquisa inicial pretendia desenvolver, e tendo em vista a rica documentação encontrada, avaliamos redirecionar o

---

<sup>9</sup> Os processos criminais apresentam informações acerca do modo de vida e comportamento individual ou de grupos sociais, a partir de queixas, investigações ou indagações policiais detalhadas acerca do perfil dos indivíduos das cidades. Para tanto, utilizaremos os processos-crime das cidades de Lavras, acessíveis no Centro de Memória Cultural do Sul de Minas – CEMEC; Varginha, no Arquivo do Fórum Municipal – AFMV; e Pouso Alegre, no Museu Histórico Municipal Tuany Toledo – MHMTT.

<sup>10</sup> Os processos trabalhistas permitem avaliar questões ligadas ao controle do processo de trabalho, nas relações de produção existente, bem como ao campo econômico na qual a categoria estava incluída, além das demandas tanto dos trabalhadores quanto dos empregadores. Estes processos constam também no CEMEC, no AFMV e no MHMTT.

<sup>11</sup> Os jornais antigos, por sua vez, constituem registros da vida política, econômica e social de uma cidade ou região, consistindo em importantes documentos de descrição dos costumes das localidades analisadas. Para a cidade de Campanha, serão verificados os jornais: Monitor Sul-Mineiro, A Conjuração, A Revolução, O Sul de Minas e Minas do Sul. Para Varginha: Correio do Povo; e para Pouso Alegre: Valle-Sacahy, O Pouso-Alegrense, Pátria e Livro do Povo. Todos os periódicos estão disponíveis no APM.

<sup>12</sup>Do mesmo modo, uma documentação de grande importância para reconstruir a história do Sul de Minas são as Atas das Câmaras Municipais, que oferecem informações de natureza quantitativa e qualitativa capazes de oferecer em conjunto um perfil razoável da economia da região. As Atas estão disponibilizadas no CEMEC, as de Lavras; no MHMTT, as de Pouso Alegre e no AFMV as de Varginha.



## **Quem Paga Com Cheque Está Sempre Bem Documentado: O Banco Do Sul De Minas Nos Anos Da Grande Depressão – Rafaela Carvalho Pinheiro e Luciana Suarez Lopes**

nosso foco para a questão do crédito e do financiamento no Sul de Minas, a partir do estudo de caso específico que era a falência desse banco.

### **1. O Banco do Sul de Minas**

O Banco do Sul de Minas foi fundado em 1º de julho de 1932<sup>13</sup>, iniciando suas atividades com um capital de 500:000\$000, na cidade de Varginha, situada no Sul de Minas Gerais. Sucedendo o Banco de Crédito Popular dessa cidade, fundado aos 4 de janeiro de 1931 com capital bem mais humilde, 163:500\$000, o Banco do Sul de Minas teve iniciativa individual, organizado já sob a forma de sociedade anônima, alcançando duas agências (Santa Rita do Sapucahy e Campo Bello), e dois escritórios (Caxambú e Villa de Santa Catharina), além da sede de Varginha.

Assim, mesmo a pesquisa estando em sua fase inicial, já podemos perceber que o Banco foi notícia em vários jornais do Rio de Janeiro<sup>14</sup> e em alguns de São Paulo e de Minas Gerais, este último do qual nos chamou a atenção a propaganda da Figura 1 que, numa clara tentativa de atrair novos correntistas, atesta que *Quem paga com cheque está bem documentado*.

---

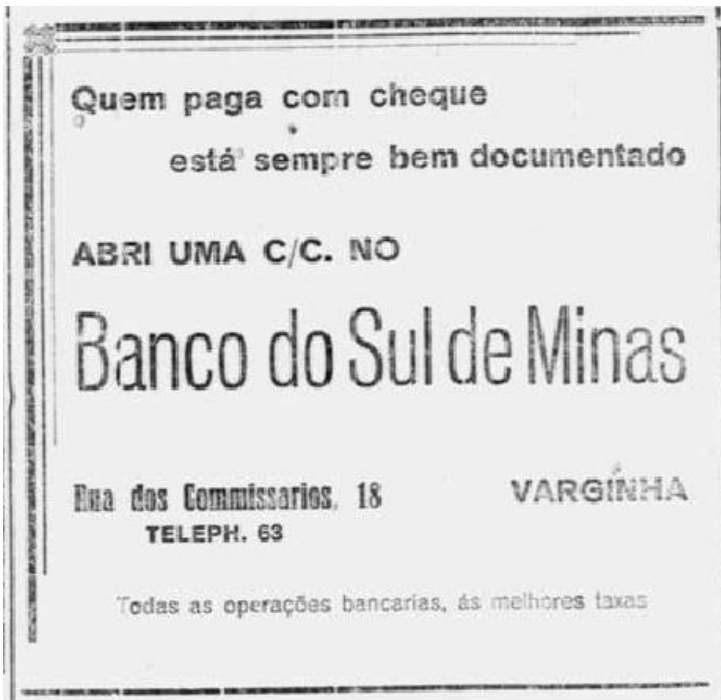
<sup>13</sup> Ainda que no presente momento não tenhamos discutido o contexto econômico brasileiro durante a década de 1930 e nem os efeitos da política varguista de proteção ao café, não se pode deixar de considerar a estreita relação existente entre esses dois movimentos e o cenário econômico sul-mineiro no qual estava inserido o Banco ora analisado.

<sup>14</sup> Como no Jornal do Comércio, A Batalha, A Nação, Correio da Manhã, Diário da Noite, Diário de Notícias, Gazeta de Notícias, Jornal do Brazil, O Jornal, e O Paiz. Todos esses periódicos encontram-se disponíveis na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital.



**Quem Paga Com Cheque Está Sempre Bem Documentado: O Banco Do Sul De Minas Nos Anos Da Grande Depressão – Rafaela Carvalho Pinheiro e Luciana Suarez Lopes**

Figura 1 – Propaganda do Banco do Sul de Minas



Fonte: A Columna, N. 153, Campo, Bello, 1933.

O Banco, porém, teve seu desenvolvimento refreado pela Lei de Usura, promulgada em 7 de abril de 1933 pelo decreto nº 22.626. Tal Lei proibia a prática de juros acima do dobro da taxa de juros legal ao ano, prevendo punições legais às instituições que cometessem “crimes contra a economia popular”. De acordo com o Relatório de Falência do Banco do Sul de Minas<sup>15</sup>, “tal lei representou, inegavelmente, para os bancos de capitais modestos, um terrível golpe, impedindo maior giro de dinheiro, a quebra e fechamento de numerosos bancos pequenos, de 1933 para cá [1937].”

O Banco passou a contar então com rendimentos reduzidos pela Lei de Usura, que mal davam conta de remunerar os acionistas, constituir regularmente o fundo de reserva, garantir a manutenção e o bom funcionamento das agências e escritórios. Sem apresentar lucros, o Banco foi estendendo seu funcionamento ao longo dos anos, até abrir falência em 1937.

Em 1932, o Banco tinha apenas 16:000\$000 em fundo de reserva, com capital nem todo integralizado. Eis quando surge a oportunidade de adquirir ações do Banco Popular do Sul de Minas, em Santa Rita do Sapucahy. Embora tais ações tenham sido

<sup>15</sup> Relatório de Falência do Banco do Sul de Minas. Arquivo do Fórum Municipal de Varginha, 1937, p. 9.



**Quem Paga Com Cheque Está Sempre Bem Documentado: O Banco Do Sul De Minas Nos Anos Da Grande Depressão – Rafaela Carvalho Pinheiro e Luciana Suarez Lopes**

rejeitadas depois de análise pelo Banco Hypothecario, Commercio e Industria, e pelo Banco Santaritense, o Banco falido efetua a transação, julgando bons retornos de transações em andamento, depósitos, hipotecas próximas do vencimento, para serem amortizadas ou pagas. O Banco calculava um lucro entre 100 e 200 contos de réis, que daria para cobrir prejuízos e aumentar a reserva<sup>16</sup>.

Figura 2 – Agência do Banco do Sul de Minas



Fonte: Diário da Noite, N. 1.140, Rio de Janeiro, 1934.

Não se sabe se a administração do Banco esperava ganhos tão positivos mesmo com a Lei do Reajustamento Econômico, nº 23.533, decretado no mesmo mês que fora realizada a operação de compra das ações, dezembro de 1933. O decreto, em favor dos agricultores, previa prorrogação dos prazos das hipotecas por dez anos e suspensão das anuidades até que a Câmara de Reajustamento julgasse os respectivos processos.

O fato é que a maioria das operações de créditos do Banco do Sul de Minas foram concedidas a lavradores, de maneira que ficou o Banco com as promissórias de devedores agricultores congeladas. Da mesma forma, ficou congelado o capital de 250 contos de réis invertido pelo Banco. A única vantagem foi o aumento dos depósitos, possibilitados pela abertura da agência de Santa Rita do Sapucahy, em sucessão ao antigo Banco Popular

<sup>16</sup> Relatório de Falência do Banco do Sul de Minas. Arquivo do Fórum Municipal de Varginha, 1937.





**Quem Paga Com Cheque Está Sempre Bem Documentado: O Banco Do Sul De Minas  
Nos Anos Da Grande Depressão – Rafaela Carvalho Pinheiro e Luciana Suarez Lopes**

Sul de Minas. Em 1934, foi adquirido também pelo Banco do Sul de Minas o ativo do Banco de Caxambú.

Figura 3 – Agência do Banco do Sul de Minas



Fonte: Diário de Notícias, N. 2.171, Rio de Janeiro, 1934.

De maneira geral, essas foram as causas da falência do Banco, que teve seu desenvolvimento inicial prejudicado pela Lei da Usura e estagnação consequente do reajustamento econômico, forçando a imobilização de seus recursos e lucros deficientes nas operações. E dessa forma o Banco continuou suas atividades, esforçando-se para equilibrar suas operações, até a data em que requereu sua liquidação, em 1937.

## **2. Fontes primárias para uma análise da falência do Banco do Sul de Minas: uma proposta de pesquisa**

Toda a toda a documentação do Banco do Sul de Minas foi coletada no Arquivo do Fórum Municipal de Varginha, na 1ª Vara Cível. Os documentos estão divididos em 8 Caixas, perfazendo um total de 54 processos, dispostos da seguinte maneira:

- Caixa 1 – Autuação e falência
- Caixas 2, 3, 4 e 5 – Credores do banco
- Caixa 6 – Habilitações retardatárias



**Quem Paga Com Cheque Está Sempre Bem Documentado: O Banco Do Sul De Minas Nos Anos Da Grande Depressão – Rafaela Carvalho Pinheiro e Luciana Suarez Lopes**

- Caixa 7 – Habilitações retardatárias e ações revocatórias
- Caixa 8 – Prestação de contas

Figura 4 – Processo da falência do Banco do Sul de Minas



Fonte: AFMV.

O processo de falência do Banco do Sul de Minas seguiu os procedimentos estipulados no Decreto nº 434, de 4 de Julho de 1891<sup>17</sup>, que versa sobre a consolidação das disposições legislativas e regulamentares referentes às sociedades anônimas. Segundo esse Decreto, a liquidação forçada das sociedades pode ser requerida somente sob três condições: 1) insolvabilidade, 2) cessão de pagamento das dívidas e 3) perda de três quartos ou mais do capital social. Depois de solicitada a liquidação pela sociedade anônima, algum acionista, ou ao menos um credor, e deferida pelo juiz, procede-se à nomeação de dois síndicos entre os cinco maiores credores, cujas funções terminam apenas quando da deliberação dos credores sobre liquidação definitiva. Essa primeira

<sup>17</sup> Decreto nº 434, de 4 de Julho de 1891. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-434-4-julho-1891-504758-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em março de 2018.



**Quem Paga Com Cheque Está Sempre Bem Documentado: O Banco Do Sul De Minas Nos Anos Da Grande Depressão – Rafaela Carvalho Pinheiro e Luciana Suarez Lopes**

parte do processo de falência do Banco do Sul de Minas consta então na Caixa 1, com destaque para a nomeação de somente um síndico, Wladimir Rezende Pinto de Oliveira.

Figura 5 – Aviso sobre nomeação do síndico da falência do Banco do Sul de Minas



Fonte: Correio da Manhã, N. 13.195, Rio de Janeiro, 1937.

Em sequência, o Decreto determina que, tão logo sejam nomeados, os síndicos – no caso do Banco do Sul de Minas, o síndico – passam a realizar o levantamento dos bens, procedendo ao inventário e balanço da sociedade. Em seguida, os síndicos preparam um relatório com as causas que levaram à liquidação da sociedade.

O relatório do banco em questão reúne uma vasta documentação, composta dos cinco balanços patrimoniais (1933 a 1937), atas de fundação da sociedade anônima e mais atas da Assembleia Geral, da Diretoria e do Conselho Fiscal, além de documentos referentes à compra do Banco Popular do Sul de Minas (Santa Rita do Sapucahy) e da encampação do Banco de Caxambú. O relatório, juntamente com o inventário e o balanço, servirá para o juiz chamar os credores para decidirem sobre a concordata ou liquidação.



**Quem Paga Com Cheque Está Sempre Bem Documentado: O Banco Do Sul De Minas  
Nos Anos Da Grande Depressão – Rafaela Carvalho Pinheiro e Luciana Suarez Lopes**

Assim, a convocação dos credores se dará por meio de cartas, por editais e anúncios nas folhas públicas. Dessa parte do processo cuidam as Caixas 2, 3, 4 e 5.

Figura 6 – Edital de convocação dos credores do Banco do Sul de Minas



Fonte: Correio da Manhã, N. 13.195, Rio de Janeiro, 1937.



**Quem Paga Com Cheque Está Sempre Bem Documentado: O Banco Do Sul De Minas Nos Anos Da Grande Depressão – Rafaela Carvalho Pinheiro e Luciana Suarez Lopes**

Reunidos então os credores e estando presentes os administradores e os síndicos, passa-se à verificação dos créditos apresentados. Na reunião seguinte, são apresentados os pareceres, procedendo a votação por parte dos credores e em seguida deliberando sobre a concordata, se oferecida. Em caso de contestação sobre algum crédito ou falta de acordo entre os credores, o juiz decidirá a questão, da qual não caberá recurso. Se a concordata for negada, rescindida ou se não tiver sido proposta, a liquidação passa a ser definitiva, prosseguindo nos seus termos até o final. Nesse momento, os síndicos gozam de plenos poderes para fazer todas as operações e atos de liquidação, como pagamento das dívidas passivas. Para tanto, eles providenciarão a venda de todos os bens, efeitos e mercadorias da sociedade, bem como a liquidação das dívidas ativas e passivas.

A venda será feita em leilão público, sob as formas da lei, ficando os síndicos obrigados a apresentarem mensalmente ao juiz uma conta exata da liquidação e das quantias em caixa. Se nos livros ou algum documento da sociedade constar credores ausentes, o juiz, por meio dos síndicos, pode ordenar a reserva dos valores correspondentes a esses credores. Nas Caixas 6 e 7 constam os processos referentes aos credores retardatários que solicitaram ingresso nos autos. Nesta última contém ainda ações revocatórias, ou seja, revogação de negócios realizados com intuito de restabelecer o ativo devedor desfalcado, sendo esses negócios fraudulentos ou não, com intenção de lesar credores ou não<sup>18</sup>.

Após a classificação dos créditos, os síndicos formarão listas para cada classe de credor conforme o crédito, na decorrência da qual procederão os pagamentos. Tendo estes terminados, os credores serão convocados para a prestação de contas, que marcam o fim das atividades dos síndicos e, conseqüentemente, do processo de falência da sociedade anônima. Os processos dessa última etapa estão reunidos na Caixa 8.

Em que pese a extensa documentação acima descrita, optamos por iniciar a sistematização desses dados a partir da denominada Caixa 1. Isso se deve não a uma simples ordem numérica e cronológica dos processos, mas pela apresentação do Banco do Sul de Minas, do seu funcionamento, dos acionistas e de suas ações, e ainda das possíveis causas da quebra, informações essas que constam no Relatório da Falência, presente nessa caixa. Concomitante a essa sistematização, realizamos um levantamento

---

<sup>18</sup> FAZZIO JUNIOR, Waldo. **Nova Lei de Falência e Recuperação de Empresa**. 2 Ed. SP: Atlas, 2005, p. 307.



## **Quem Paga Com Cheque Está Sempre Bem Documentado: O Banco Do Sul De Minas Nos Anos Da Grande Depressão – Rafaela Carvalho Pinheiro e Luciana Suarez Lopes**

de fontes que pudessem nos dar uma ideia do Banco para além da documentação da falência, o que nos fez alcançar os jornais da época – tanto os mencionados como os ainda não mencionados – que falam do Banco em todo o seu período de funcionamento. Os próximos passos da pesquisa serão situar a sociedade anônima no contexto do Sul de Minas na década de 1930 e iniciar as análises dos balanços do falido.

### **3. Considerações finais**

Deparando-nos, na coleta dos dados primários no Arquivo do Fórum de Varginha com toda uma documentação sobre o Banco do Sul de Minas, uma questão inquietou-nos: por que um banco que ao longo do tempo expandiu suas operações para duas agências mais três escritórios além da sede, e mesmo assim requereu falência por liquidez pouco tempo depois? Outros questionamentos apareceram-nos em decorrência deste, tais como: a) se o desenvolvimento da região foi causa ou consequência da constituição dos bancos na região; b) se a conjuntura nacional e regional ajudou ou atrapalhou a expansão bancária daquela localidade; c) qual a origem do capital do banco falido, se da indústria, da agricultura ou do comércio.

Nesse sentido, esses questionamentos levaram-nos a optar por investigar melhor o caso desse banco, ainda que em detrimento da nossa proposta inicial de pesquisa, que era estudar a formação do mercado de trabalho no Sul de Minas Gerais a partir da relação entre o café, as indústrias e os bancos daquela região, nas primeiras décadas do século XX. Nossa proposta então é compreender as causas da falência do Banco, discutindo o crédito e o financiamento, bem como a implicação do falido nos setores industrial, comercial e agrícola na região sul-mineira.

### **Referências**

#### **4. Fontes Primárias**

Decreto nº 434, de 4 de Julho de 1891. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-434-4-julho-1891-504758-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em março de 2018.

Jornal Correio da Manhã, N. 13.195, Rio de Janeiro, 1937.



**Quem Paga Com Cheque Está Sempre Bem Documentado: O Banco Do Sul De Minas Nos Anos Da Grande Depressão – Rafaela Carvalho Pinheiro e Luciana Suarez Lopes**

Jornal A Columna, N. 153, Campo, Bello, 1933.

Jornal Diário da Noite, N. 1.140, Rio de Janeiro, 1934.

Jornal Diário de Notícias, N. 2.171, Rio de Janeiro, 1934.

Relatório de Falência do Banco do Sul de Minas. Arquivo do Fórum Municipal de Varginha, 1937.

## **5. Referências bibliográficas**

COSTA, Fernando Nogueira da. *Bancos em Minas Gerais (1889-1964)*. Dissertação de Mestrado – Unicamp. Campinas, 2004.

FAZZIO JUNIOR, Waldo. *Nova Lei de Falência e Recuperação de Empresa*. 2 Ed. SP: Atlas, 2005, p. 307.

GAMBI, Thiago Fontelas Rosado. *A expansão bancária no Sul de Minas em transição*. In: Alexandre Macchione Saes; Marcos Lobato Martins. (Org.). *Sul de Minas em transição. A formação do capitalismo na passagem para o século 20*. Bauru: EDUSC, 2012.

SAES, A. M.; COSENTINO, D. V.; SILVA, M. P.; GAMBI, T. F. R. *Sul de Minas em transição: ferrovias, bancos e indústrias na constituição do capitalismo na passagem do século XIX para o século XX*. In: XIV Seminário Sobre a Economia Mineira, 2010, Diamantina - MG. Anais do XIV Seminário Sobre a Economia Mineira, 2010.

SAES, Alexandre Macchione; MARTINS, Marcos Lobato. (Org.). *Sul de Minas em transição. A formação do capitalismo na passagem para o século 20*. Bauru: EDUSC, 2012.

SILVA, M. P. *Tem café nesse trem? As ferrovias no Sul de Minas Gerais (1874-1910)*. In: Alexandre Macchione Saes; Marcos Lobato Martins. (Org.). *Sul de Minas em transição. A formação do capitalismo na passagem para o século 20*. Bauru: EDUSC, 2012.

WIRTH, John. *O Fiel da Balança. Minas Gerais na Federação Brasileira, 1889 – 1937*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.